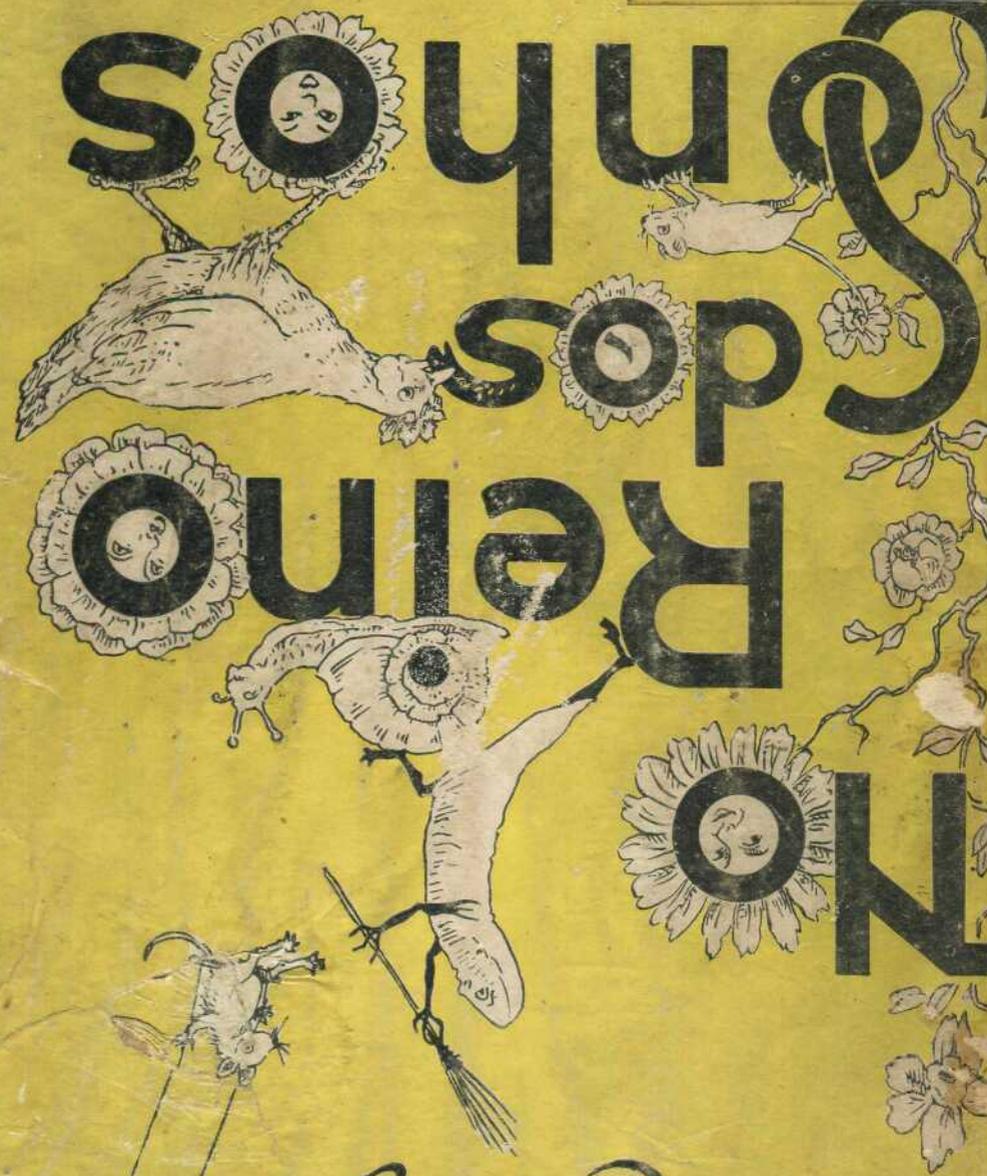


My Rembos Song



Cladionor Linhares

CLAUDIONOR LINHARES

No
Reino dos Sonhos



087.1
L4557

1950
Departamento de Imprensa Nacional
Rio de Janeiro — Brasil

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA NACIONAL
BIBLIOTECA DO SECREJO

NÚMERO	DATA
7	10/10/57

4

PAULA ACHILLES

Meu caro Amigo,

Lamento, sinceramente, não possuir o engenho de uma Scheherazada, com o que me seria dado enfeixar, neste volume, os melhores contos de fadas do mundo, ensejando, assim, a oportunidade de proporcionar à criança brasileira páginas amênas, baseadas na mais pura ficção, mercê do livro NO REINO DOS SONHOS, que saí dedicado ao prezado amigo.

C. L.

DESENHOS

DE

FLORIANO GUIMARÃES

DO MESMO AUTOR

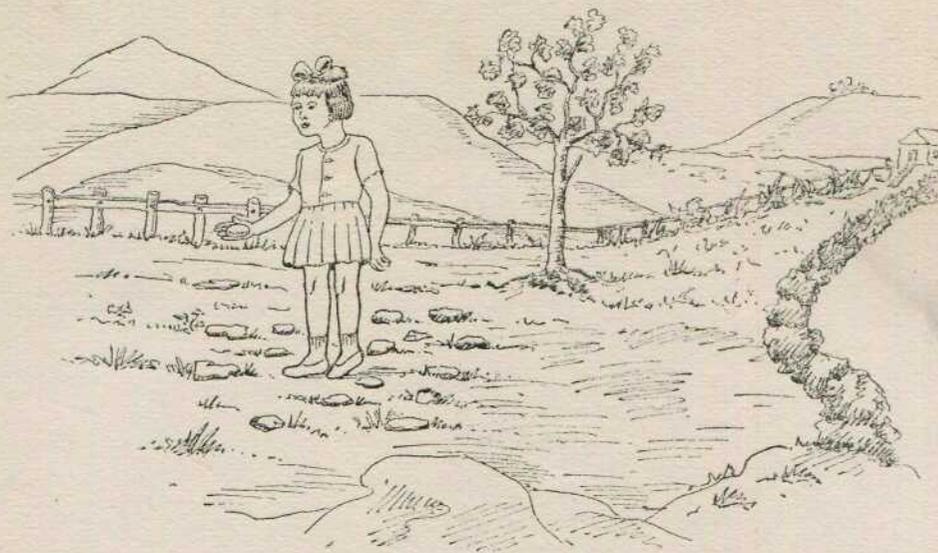
PRECES DE AMOR (1945)

(POEMAS)

A MUTILADA DE SANTA TEREZA (1947)

(CONTOS)

O SEIXO ENCANTADO



Apanhou do chão o seixo em que pisara, o qual media mais ou menos cinco centímetros, e se dirigiu à cabana, onde deixara a avózinha, gravemente enferma

O SEIXO ENCANTADO

I

Melinda estava sentada sôbre um tronco de árvore tombada, à entrada do bosque, distante um quilômetro da cabana, onde morava. Nessa atitude, pensava, aflita, naquela situação tristíssima que se criara. Mas nada podia fazer, para' modificá-la, por mais que pensasse e se afligisse. Por isso, suspirando, levantou-se e internou-se no bosque, a fim de disfarçar as mágoas.

Quando prosseguia no seu passo miúdo, pisou um seixo. Logo após, ouviu uma voz, que se erguia do chão, interpelá-la:

— Por que está tão triste, menina?

Ouvindo tão estranha pergunta, como que saída do seio da terra, num lugar tão êrmo, ela ocultou o rosto com as mãos e correu, assustada, exclamando: “Ai, Jesus!”

Mal percorrera, talvez, cinquenta metros, quando ouviu, novamente, a voz que a tranquilizava:

— Não se assuste, menina. Nunca fiz mal a ninguém. Volte aqui e me conte as suas desditas.

Ela, então, se acalmou. Baixou a saia, que arrepanhara na carreira, para melhor correr, e resolveu voltar.

Quando chegou perto do seixo, andando cautelosamente e espiando, de vez em quando, medrosa, para os lados, ouviu, novamente, a voz guiando-a:

— Mais um pouco adiante, bôa menina. Não lhe farei mal algum.

Andou mais dois passos e chegou ao lugar preciso.

— Bem — disse a voz — agora, diga-me o que lhe aconteceu. Não gosto de meninas tristes.

Melinda, então, contou:

— E' minha avòzinha. Está muito doente e vivemos sòzinhas na cabana da estrada. A cidade fica muito longe daqui e não sei como será possível buscar socorro. Eu nem sequer posso deixá-la porque está muito mal.

— Não se incomode, bôa menina — disse a voz do seixo. — Nessa árvore tombada em que se sentou, encontrará o remédio que há de restabelecer a avòzinha. Basta colher algumas fôlhas dos últimos galhos e fazer um chá para a doente beber. Quando o chá estiver pronto, antes do o vasar no bule, pegará dêste seixo, onde me encontro encantada, e dará com êle três pancadinhas na borda da vasilha, onde colheu a água para o chá.

Ouvindo, atenta, aquelas instruções, Melinda, aos poucos, ia se reanimando, perdendo, gradualmente, o ar de desolação.

Mas as instruções ainda não estavam completas. Por isso, prestou ainda mais atenção às palavras singulares que vinha ouvindo.

— Leve daqui o seixo em que pisou e guarde-o com cuidado porque, enquanto estiver de posse dêle, conseguirá obter tudo o que desejar. Quando a sua aflição fôr maior, venha ao bosque para ouvir-me.

Melinda fêz, então, o que a voz lhe ordenara. Apanhou do chão o seixo em que pisara, o qual media mais ou menos cinco centímetros, e se dirigiu à cabana, onde deixara a avòzinha, gravemente enfêrma.

II

Despertada pelo rumor que fizera a porta, ao girar nos gonzos, a avó de Melinda se ergueu no leito e perguntou:

— Quem é?

Ao que a neta lhe respondeu, tranquilizando-a:

— Sou eu, avòzinha.

— O que foi você fazer?

— Fui ao bosque, por um momento.

— Está bem, menina. Fique aí que posso precisar de você.

Melinda não cogitava de sair. Viera pensando nas palavras que ouvira no bosque e apertava na mãozinha delicada o seixo mágico.

Tinha colhido a erva que lhe recomendara a voz e se dispunha a fazer o chá. A avózinha gostava muito dessa espécie de bebida e, ademais, acreditava nas virtudes dos remédios caseiros. Fácil lhe seria levá-la a tomar a receita recomendada.

Foi à cozinha, colheu água numa vasilha e pô-la ao fogo. Quando a primeira fervura se originou da água fervente, misturou à água a erva. Pouco depois, o chá estava pronto. Então, tomou do seixo, que largara em cima do fogão, bateu as pancadinhas recomendadas. Depois, passou o chá para um bule e foi levá-lo à avó.

— Está aí, avózinha, um chá que fiz para a senhora.

— De que é este chá?

— Uma erva muito boa que colhi no bosque.

— Está bem quente?

— Está, avózinha.

— Então, vou bebê-lo.

Dito isto, tomou da xícara em que Melinda vajara a bebida e foi ingerindo-a aos goles.

Quando acabou de tomá-la, achando-se súbitamente reanimada, sentou-se na cama.

Melinda contemplava a cena na expectativa de algo milagroso. Quando viu a avó sentar-se na cama, teve, então, plena confiança no remédio e disse:

— A senhora vai ficar boa.

Ela respondeu:

— Parece que sim, menina. Esse chá é muito gostoso e me reanimou. Sabe? Até vou me levantar.

— Eu a ajudo. Não quer outra xícara de chá?

— Quero, menina.

Melinda serviu outra chávena. Após ter sorvido o seu conteúdo, quase dum gole, a enferma entregou a xícara à netinha e pulou do leito, dispensando o auxílio que lhe fôra oferecido.

— Já estou boa. Este chá é milagroso!

III

No dia seguinte, com a avózinha já restabelecida, foi ao bosque. Estava contente com o sucedido. Quando chegou à árvore tombada, sentou-se no tronco caído e disse:

— Obrigada, amiga do bosque!

Ao que a voz respondeu:

— Não há de quê. As meninas dóceis e diligentes merecem os meus cuidados. Não tem mais nenhum desejo?

Melinda refletiu um pouco, franzindo a testa, dando, assim, ao semblante meigo uma expressão de gravidade, imprópria às crianças de oito anos, idade que contava.

Depois, perguntou:

— Não seria muito pedir uma boneca?

— Oh, não! E' só isso? Terá a sua boneca. E' só dar três pancadinhas com o seixo nesta árvore.

Melinda assim fêz e logo apareceu uma bonita boneca, já vestida, com uma roupinha de batizado.

Ela bateu palmas de contente e agradeceu:

— Obrigada, bôa fada! Que linda boneca!

— Não há de quê, menina. Vá para casa, guarde o seixo e divirta-se com a sua boneca. Não tem mais nenhum desejo?

— Não. Só quero esta boneca.

— Então, vá!

Com a boneca nos braços, seguiu para a cabana, quase correndo, que a avózinha, talvez, tivesse dado pela sua falta.

Passaram-se meses sem que Melinda procurasse o bosque. Uma bela manhã, ela foi ter novamente ao tronco da árvore, onde se sentou, triste e chorosa.

A voz tornou a perguntar:

— Que lhe sucedeu?

— Quebrou-se minha boneca!

— Ora, foi só isso?

— Foi. Acha que não devo ficar triste?

— Não, porque terá outra boneca, ainda mais bonita, além de maior. E' só dar três pancadinhas com o seixo nesta árvore.

E assim foi feito. Mal soou a última pancada, apareceu uma linda boneca, deitada na vegetação rasteira.

Melinda bateu palmas, enxugou as lágrimas e até riu de satisfação.

— Esta não se parte? — perguntou.

— Não; é feita de matéria inquebrável. Também anda, diz papai e mamãe. E' só dar corda na chave, atrás das costas.

Melinda exclamou:

— Oh, bôa fada, quanta coisa bôa!

— Não deseja mais nada?

— Não. E só essa boneca, saúde para vovó e que ela possa viver muitos anos. O meu cachorro Bolinha, também, deve viver muitos anos. Èle

ficou tomando conta da casa. E' obediente, e, como disse que as meninas merecem tudo pelo seu comportamento Bolinha, por sua vez, deve merecer o mesmo.

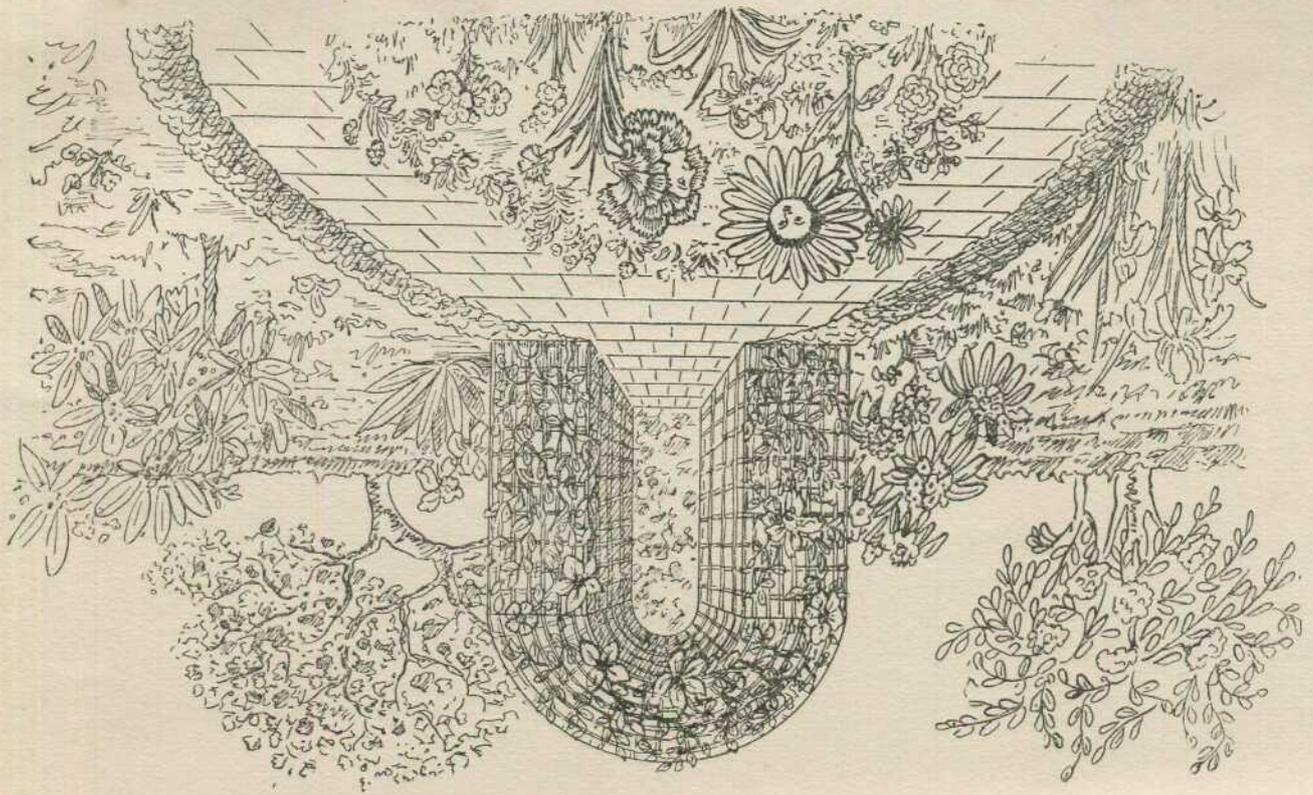
— Pois bem, Bolinha morrerá de velho. Se precisar de mim, venha ver-me. Guarde o seixo.

— Sim, bôa fada. Já pedi muito. Com a vovó de bôa saúde, a minha boneca e o meu cão, tenho tudo.

— Pois bem. Vá para casa.

Ela se foi embora. Nunca mais precisou de sua protetora. Viveu longos anos, casou e foi feliz, porque não era ambiciosa.

O CRAVO E O MALMEQUER



O CRAVO E O MALMEQUER

O Cravo discutia, certa manhã, com o Malmequer, debaixo dum caramanchão, no jardim, onde viviam.

Dizia o Cravo:

— Nem sei se és planta ou flor. Não tens jeito de uma ou de outra coisa.

— Pois sim — admitiu o Malmequer. Mas o meu concurso não é tão desprezível assim, visto como igualmente concorro com a minha garridice para o embelezamento dêste jardim.

O Cravo riu e pensou: “Que filáucia!” Depois disse:

— Garridice? Está-se vendo que exageras. Daqui a pouco, provavelmente me dirás que és a flor ou planta mais resplandecente dêste jardim, onde vejo a delicada Rosa, o soberbo Lírio e a mimosa Violeta, para não falar nas demais flores, junto às quais empalideces.

— Sim, eu sei. Sei que sou apagada, humilde, mas tenho muito mais significação do que tu, do que mesmo a Rosa, rainha de todos os jardins onde se encontra.

O Cravo tornou a pensar: “Que filáucia!” Depois, quis saber:

— Que importância é esta de que te gabas? Não estarás te atribuindo qualidade demasiada? Não me venhas com grandezas...

— Não; não se trata de grandezas. Reconheço a minha origem, mas a verdade é que tenho muito maior significação para os corações enamorados do que...

— A Rosa? — interrompeu o Cravo.

— Sim.

— Ora, esta! Então, não sabes que é a eleita dos apaixonados?

— Sei disso. Mas não consulta mais o coração dos que alimentam um sonho de amor e vivem mais entre a certeza e a dúvida do que eu.

O Cravo, de curioso, tornou-se surpreso.

— Como assim? — perguntou.

— E' que os namorados, torturados pela dúvida, costumam consultar-me em meio à sua aflição, despetalando-me, a fim de saber se são realmente amados. Creio que já viste e mesmo ouviste alguém colher-me e arrancar-me as pétalas, dizendo: “Malmequer, bem me quer...”

— Realmente, tenho visto destas cenas, mas não lhes havia alcançado a razão. Agora, compreendo. Mas, ao se desfazer a dúvida dumapai-

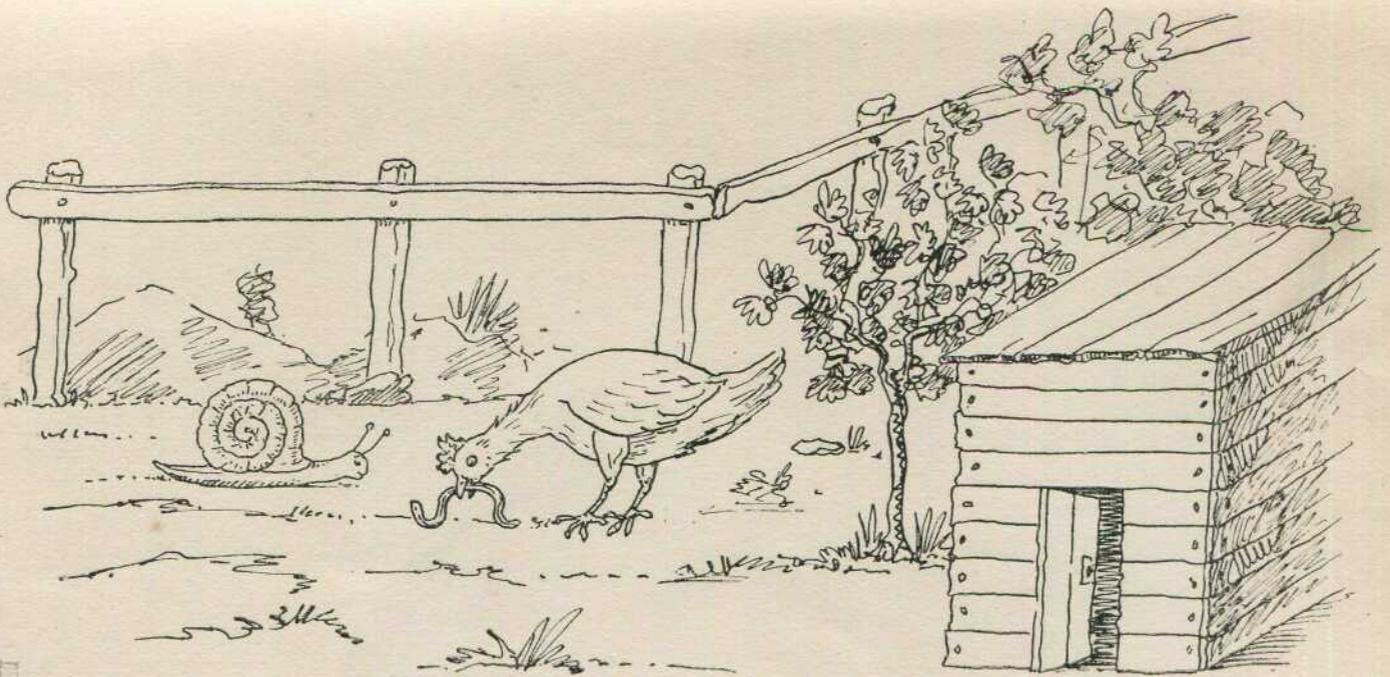
xonado, também se desfaz a tua vida efêmera de flor.

— Flor? Por que não planta?

— Insisto em chamar-te, de agora em diante, de flor, porque está na essência das flores alimentar um sonho de amor, quer seja com o perfume que lhes é próprio, quer seja com a lenda que se lhes atribui. Ainda mais, Malmequer, porque, com a tua morte sublime, renasce uma esperança de romance num coração amante.

Após aquelas palavras, o Cravo dava a impressão de se ter curvado, perante o Malmequer, como uma homenagem à garridice que dizia possuir.

A MINHOCAS E O CARAMUJO



1915

A MINHOCA E O CARAMUJO

A Minhoca não via com bons olhos o Caramujo. Um dia, encontraram-se debaixo da terra, face a face. A Minhoca, então, aproveitou a oportunidade que se lhe oferecia para uma desfôrra e pôs-se a zombar do Caramujo. Mediu-o de alto a baixo e disse:

— Vives a inflar o peito. Mas sei que não tens coragem sequer para subir à flor da terra e averiguar o que se passa lá por cima.

O Caramujo, ouvindo a insinuação, riu alto e retrucou:

— Verme nojento! Duvidas da minha coragem e zombas dos meus brios? Verás!

A Minhoca, vendo aquêlé rompante, sorriu, irônica, e disse, duvidando:

— Sim, hei de ver...

O Caramujo, ante tal sorriso malicioso, que sublinhava a frase zombeteira, indignou-se.

— E' questão de oportunidade. Não posso, agora, vencer a camada de terra que pesa sôbre nós.

A Minhoca tornou a sorrir, com o mesmo sorriso, retrucando:

— Há de aparecer essa oportunidade...

E acrescentou, sentenciosa:

— Quem procura, sempre encontra.

De fato. A oportunidade, que tão perversamente ela esperava, acabou aparecendo. Um gato que andava pelo quintal, um dia revolveu a terra, debaixo da qual se encontravam os dois inimigos. A Minhoca, sempre vigilante, notando enormes claros na terra revolvida, correu a desafiar o Caramujo, que estava dormindo um sono malandro.

Gritou-lhe aos ouvidos:

— Acorda, Caramujo!

Ele acordou logo. Pudera! Com aquêles barulho todo... Com aquêles gritos histéricos...

A Minhoca nem deu tempo ao Caramujo de se inteirar do que havia acontecido. Apontou, incontinente, os buraquinhos em cima das suas cabeças, por onde jorravam feixes de luz, e disse, imperativa:

— Ai está, valentão!

O Caramujo, já desperto de todo, deu uma gargalhada: Quá!... Quá!... Quá!...

Depois disse:

— Está bem. Agradeço-te o aviso. Mas quero que me acompanhes.

— Eu? — perguntou admirada a Minhoca.

O Caramujo fêz um sinal afirmativo com a cabeça.

— Para que? A coisa não é comigo. Só quero ver a tua coragem.

Lisongeira, aquela dona Minhoca! Não havia dúvida...

O Caramujo coçou a cabeça. Ela falara em coragem e conseguira mexer-lhe com umas vaidadinhas tolas.

— Vou mostrá-la. Mas insisto que me sigas. Irei na frente, não te assustes. Tens medo?

— Eu?! — tornou a dizer a Minhoca.

E batendo no peito.

— Não!

— Pois, então, segue-me!

E foram andando. O Caramujo, na frente, pisava firme. Caminhou, caminhou até encontrar a entrada dum buraquinho daquêles. Ai chegando, fêz um pouco de força e conseguiu vir à flor da terra. A Minhoca, logo atrás dêle, também se mexeu a seu jeito e acabou ao lado do companheiro de aventuras.

— Então? — perguntou o Caramujo com ar superior.

— E', vejo que tens mesmo coragem. Mas tive que te acompanhar, porque, caso contrário, seria capaz de não vir.

— Não sejas boba! — contraveio o Caramujo. Daqui a pouco serás capaz de admitir que fizeste esta expedição sòzinha, enquanto fiquei em casa, tremendo de medo.

Estavam, novamente, discutindo. Um gritava, o outro berrava.

— Tola!

— Poltrão!

Palavra puxa palavra, distraíram-se trocando desaforos.

Enquanto assim agiam, uma galinha, que andava pelo quintal destruindo a horta, foi-se aproximando de ambos com cautela, a fim de não ser vista.

E a Minhoca, cada vez mais alheia, injuriava o Caramujo. Em dado momento, excedendo-se, disse: "Covarde!"

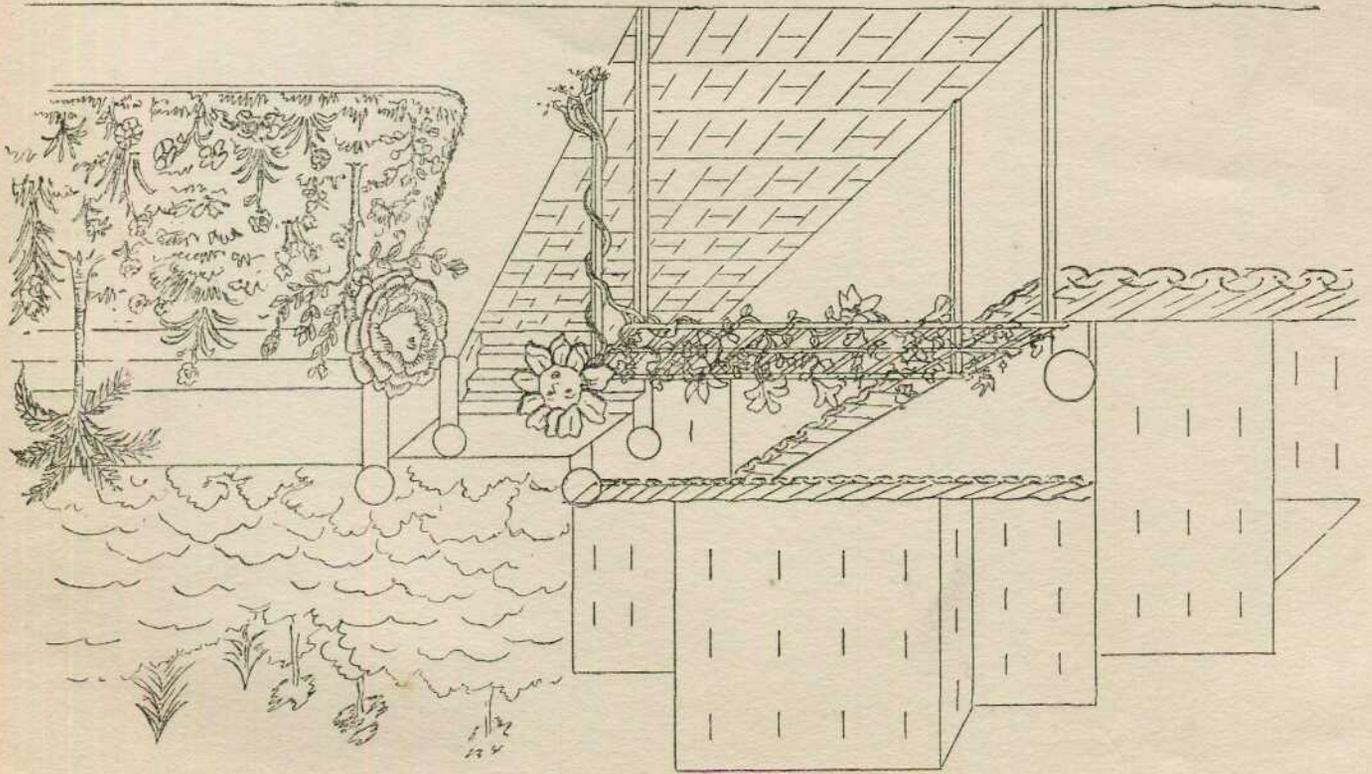
O Caramujo inflou o peito e ia avançar para repelir tamanho insulto à sua dignidade, mas deteve-se, porque a galinha nem o deixou dar um passo, papando a Minhoca bem à sua vista.

Enquanto a galinha saboreava aquêlê manjar, o Caramujo tratou de escapular, metendo-se, assustado, terra a dentro.

Uma vez a salvo, exclamou :

— Bem feito! Quem mandou seres teimosa e duvidares da minha bravura?

A TREPadeira E A ROSA



A TREPadeira E A ROSA

Achava-se a Rosa no jardim, orgulhosa, entre inúmeras outras flores, quando reparou na Trepadeira que subia impetuosamente o muro, expandindo-se para os lados. Aquela fôrça e ousadia incomodaram-na. Resolveu, por isso, interpelar a atrevida que galgava o muro com tamanha semcerimônia.

— Então, sobes o muro, assim, e invades tudo?

— Que queres — respondeu a Trepadeira — se essa é a minha função? Vivo a decorar muros e a servir de tôlido ao mais reles caramanchão.

— Também, é só para o que serves — observou a Rosa.

E lançando-lhe um olhar de desdém, injuriou-a: “Plebéia!”

A Trepadeira não respondeu. Achou melhor ficar calada e não dar confiança à aristocrática dama.

E continuou, muro acima, subindo sempre, até que mão humana sòmente a pudesse alcançar com auxílio de escada.

A Rosa olhava o seu atrevimento e limitava-se a chamá-la: “Plebéia!”

Um dia, porém, a dona do jardim onde viviam, passando junto da altiva flor, observou-a, durante curtos minutos, e disse:

— Que linda!

A Rosa, ouvindo isso, inchou de orgulho. A vaidade, porém, durou-lhe pouco, quando viu que, após tão lisongeiras palavras, estendia-se para ela mão feminina, que delicadamente a colheu.

A Trepadeira, do muro, contemplava a cena, sorrindo.

Passaram-se dois dias sem que escutasse o costumeiro insulto: “Plebéia!”

Procurou, então, saber por que acontecera tal coisa, tentando ver onde se achava a rainha do jardim.

Tanto olhou para baixo que acabou por divisá-la no chão, já fanada.

Perguntou:

— Que foi isto? Quem te maltratou, assim?

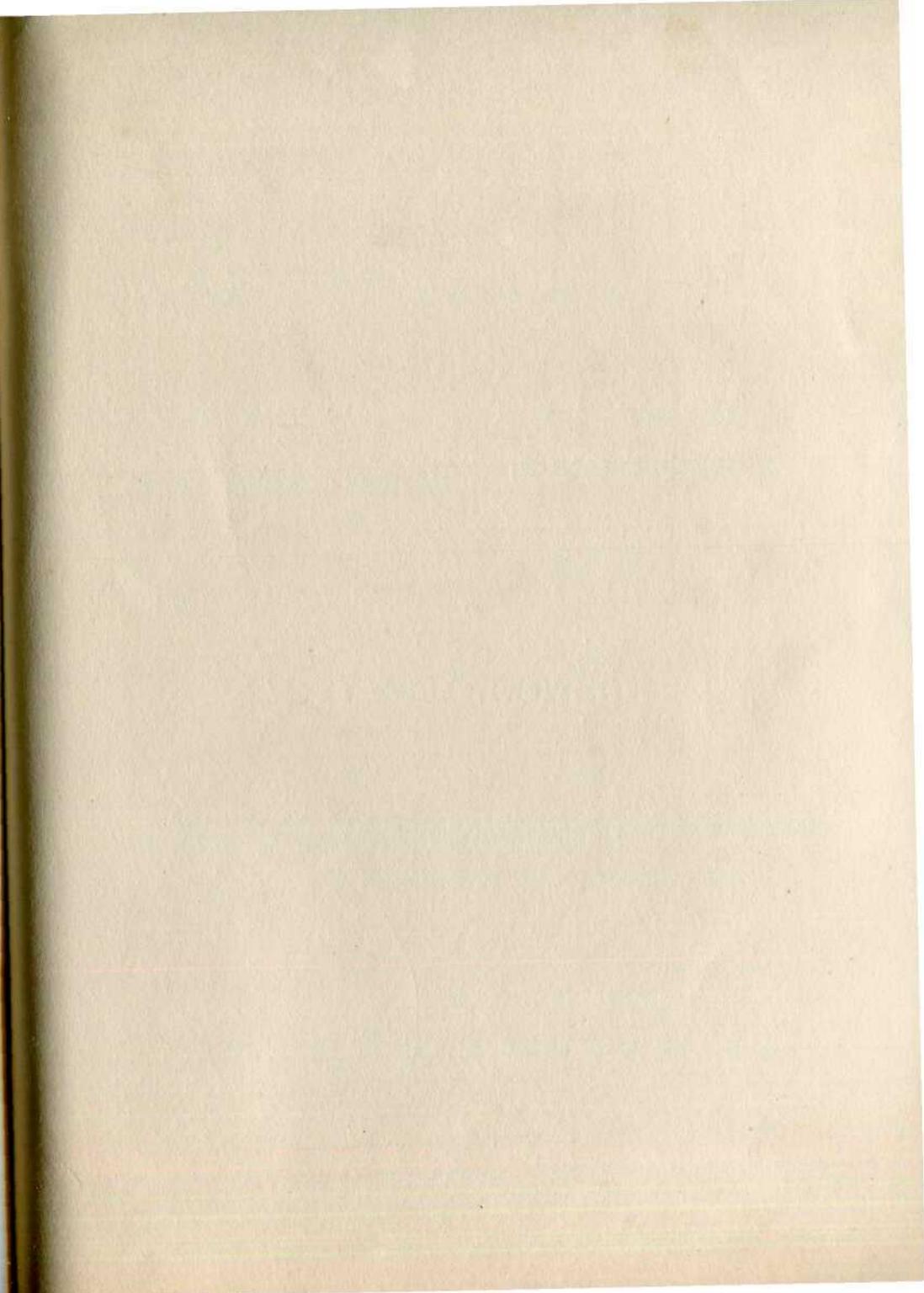
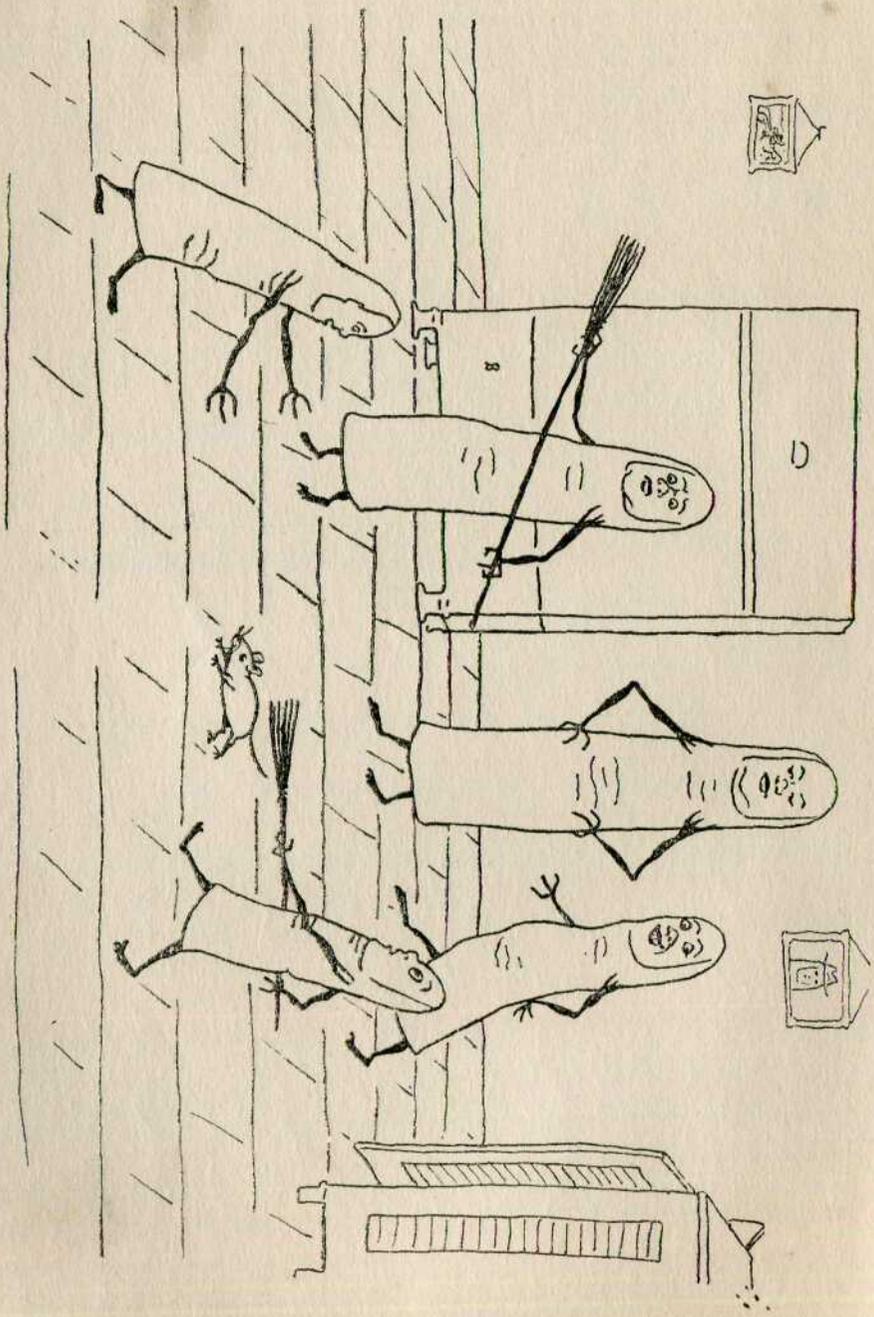
— Ai de mim! — gemeu a Rosa. — A minha dona achou-me tão bonita que me colheu, com o fito de realçar a própria beleza por dois dias. Estive êste tempo prêsa aos seus formosos cabelos. Tendo fenecido, porém, jogou-me ela aqui, onde me vês, porque não sirvo mais sequer para lhe enfeitar o

penteado. Amanhã, talvez, não mais me verás, porque terei deixado de ser Rosa para me transformar em poeira dêste jardim onde fui rainha.

A Trepadeira olhou para a sua antiga rival, mais uma vez, e disse, filosòficamente:

— E’ assim que terminam as Rosas. Tão belas quão orgulhosas, esquecem-se de que a formosura não é eterna.

E O RATO COMEU!



INTROITO

Antes da prece habitual, rezada tôdas as noites sob a assistência paterna, a criança, quase sempre, pede ao pai para lhe contar uma história:

— Agora, me conta uma história, papai!

Encontrando, às vêzes, pequena relutância, insiste em tom de súplica:

— Conta, papai... conta!

Sentado à borda do leito, à espera do momento em que o filho deverá iniciar a curta oração que lhe fôra ensinada, êle, afinal, se decide:

— Sim, meu filho.

Após uma pausa, diz, então, à criança, que se encontra em atitude de expectativa:

— Dá-me a mão direita.

Com a mão direita entre as suas, então, começa, contando os dedos, a fim de contar a história: “Dedo-Mindinho, Seu-Vizinho, Pai-de-Todos, Fura-Bolos, Mata-Piolhos”.

Em chegando ao último, faz uma ligeira pausa e indaga, apontando para o centro da mão, que retém entre as suas:

— Que é do toucinho que estava aqui?

Obtém, então, a resposta que toda criança brasileira conhece:

— O rato comeu!

I

Havia, outrora, no reino dos Sonhos, uma cidade maravilhosa chamada Fantasia. Nessa cidade, que media um palmo justo de comprimento, morava uma singular família, composta de cinco irmãos gêmeos. Residiam eles na casa grande da praça da Mão Direita, onde desembocavam as ruas da Falange, Falanginha e Falangeta.

Os cinco irmãos chamavam-se, respectivamente: Mindinho, Seu-Vizinho, Pai-de-Todos, Fura-Bolos e Mata-Piolhos.

Embora possuindo gênios diferentes, davam-se bem e aparentavam viver em perfeita harmonia.

Inimigos de brigas, quer em público, quer em intimidade, facilmente conquistaram as simpatias gerais, tornando-se respeitados e queridos.

Em toda a cidade, eram apontados como exemplo a ser imitado.

II

O mais moço chamava-se Mindinho. Com duas polegadas de altura, fazia-se notar não só pela es-

tatura liliputiana com que a natureza o dotara, como também pela magreza que o caracterizava. A sua figura de anão era, sem dúvida, curiosa.

Os olhos, buliçosos e engraçados, seriam talvez seis vêzes maiores do que a cabeça dum alfinete.

Os pés e as mãos, em proporção com os olhos, seriam perfeitamente visíveis com uma lente.

Era o mimoso da família. Daí, os outros olharem-no com singular ternura. Os ditos espirituosos da sua curiosa pessoa serviam de tema para as conversas em família. Igualmente as gracinhas que fazia.

Diziam, olhos postos na sua grácil figura: “Viu o que Mindinho fêz? Ouviu o que Mindinho disse?”

III

Acima do mais moço, achava-se o Seu-Vizinho. Mais alto, mais cheio de corpo, demonstrando excelente caráter pela conduta que observava, era ótimo irmão e exemplar amigo. As boas qualidades que se lhe notavam eram, entretanto, empanadas pelo costume de se encostar no irmão do meio por efeito de invencível sono.

Destacava-se dos demais pela maneira vagarosa com que fazia os menores movimentos. Até para levar o alimento à boca, gastava tempo exagerado, o que levava os irmãos a permanecerem

à mesa, na hora das refeições, mais de meia hora após a considerarem terminada, a fim de não o molestarem.

A monotonia desses momentos era, às vêzes, quebrada pelos ditos bastante espirituosos de Mindinho, que não perdia uma oportunidade favorável às suas habituais gracinhas.

IV

Pai-de-Todos, em quem Seu-Vizinho se encostava para dormir, estivesse onde estivesse, era o mais saudável de todos. Alto, esdadaúdo e forte como um campeão olímpico, desempenhava bem o seu papel de chefe de família, dispensando paternal proteção aos demais.

Agradável, nunca ralhava. Governava a casa, dava conselhos se lhos pediam, e até emprestava o dinheiro das despesas aos irmãos, a fim de comprarem gulodices ou irem ao cinema do bairro.

Os irmãos adoravam-no e tinham nêle cega confiança. Obedeciam-lhe, jamais lhe faltando ao respeito.

V

Fura-Bolos, da mesma altura de Seu-Vizinho, não se encostava em Pai-de-Todos para dormir, mas sempre lhe andava cochichando qualquer

coisa aos ouvidos. Escusado será dizer-se que Pai-de-Todos, paciente conforme era, escutava tudo o que dizia o irmão tagarela.

Um pouco mais gordo do que Seu-Vizinho, possuía um rosto oval bonito e expressivo, e olhar revelador de inteligência.

Era o doutor da família, o sabe-tudo. Indicava remédios para dôr de dentes, e esclarecia com segurança absoluta a que se devia atribuir uma pontada na bôca do estômago.

Metendo-se audaciosamente em tôdas as questões, conseguia sair-se sempre bem.

VI

Mata-Piolhos, gorducho, baixo, comilão, era o bôa-vida da família. Quase do tamanho do Mindinho, só se parecia com êle na maneira de ser retraído. Assim mesmo, no seu desejo de isolamento, deveria haver uma bôa dose de velhacaria. Com certeza, comia, às ocultas, as gulodices que andava a todo momento pilhando nos armários da despensa.

Quando, cheia, a barriga, quase a arrebentar, impedia-o de comer mais um pouco, atirava-se pesadamente numa espreguiçadeira, entregando-se ao sono como um justo.

VII

A vida ia correndo, assim, sossegada e feliz na casa grande da praça da Mão Direita, onde moravam os cinco gêmeos.

Um dia, porém, tendo ocorrido um acontecimento misterioso, a calma existência dos bons rapazes foi súbitamente quebrada.

A casa andou num reboiço infernal, durante as quarenta e oito horas em que se procederam às investigações destinadas a esclarecer o perfeito enigma que se poderia intitular: “O sumiço do toucinho”.

Isso aconteceu porque Pai-de-Todos, desejando homenagear Mindinho no dia do seu natalício, comprara um belo pedaço de toucinho, a fim de completar apetitosa feijoada.

VIII

A história, entretanto, não deve ser precipitada. Os fatos convém que sejam narrados, conforme se passaram. Embora o acontecimento tenha alcançado um extraordinário relêvo, chegando a ameaçar a tranquilidade duma família inteira, não se deve antecipar o seu desfêcho, a fim de não prejudicar tôda a narrativa.

IX

O caso é que havia na casa grande um rato enorme, que levava uma vida alegre de rato satisfeito. Os moradores do prédio não se davam ao mau gosto de incomodá-lo, armando perigosas ratoeiras pela casa, com o propósito de matá-lo.

Nem sequer havia ali um gato providencial que, ao menos, afugentasse o feliz roedor.

E êle ia vivendo a vida de maneira cada vez mais agradável, engordando de dia para dia, à custa da imprevidência dos cinco irmãos.

X

Enquanto Pai-de-Todos não se lembrou de festejar o aniversário de Mindinho, promovendo gostosa feijoada, coisa alguma de desagradável succedeu ao esperto rato. Passeava pela casa inteira, à luz do dia; quando não roía calmamente o rodapé da sala de jantar, dedicava-se a estragar os livros raros de Fura-Bolos. Cometia, em suma, uma série de inconveniências, capaz de determinar sua condenação à morte na ratoeira.

O rato parecia entender, entretanto, um pouco do coração humano e, por isso, praticava tôdas as traquinadas próprias aos ratos, certo de que aquêles prezados irmãos possuíam corações bondosos.

XI

Mas “não há mal que sempre dure, nem bem que nunca se acabe”, diz o ditado. E o ditado se confirmou, mais uma vez.

Como ficou dito, Mindinho preparava-se para contar mais uma primavera. Pai-de-Todos, radiante, deixando entrever na fisionomia a intensa alegria que lhe ia nalma, na ante-véspera do festivo acontecimento providenciou a compra do necessário à feijoada. Adquiriu o paio, a carne sêca, o lombo, a tripa, isto e aquilo. No rol dos ingredientes, como era natural, incluiu um pedaço enorme de toucinho. Pai-de-Todos, tão sério noutras ocasiões, até perdeu a compostura. Contemplando o que havia adquirido, a fim de realizar o seu intento, lambeu os lábios, pulou e dançou.

XII

Risonho, cantarolando os versos capengas duma interessante modinha, que estava em moda, colocou tudo nos armários da despensa.

Depois disso feito, pensou: “Que feijoada, meu Deus! Vou concorrer com Mata-Piolhos e encher o estômago até estourar!”

Deixou os armários abertos, como sempre fazia, dado confiar cegamente nos irmãos, e foi tratar de pôr em ordem outras coisas que exigiam os seus cuidados.

XIII

No dia seguinte, foi o primeiro a despertar. Sonhara até com a feijoada. Lavou o rosto, escovou os dentes, fêz ligeira *toilette* e correu aos armários da despensa. Lá estavam a carne sêca, o lombo, o paio, a tripa, enfim, tudo o que comprara na véspera, com exceção do toucinho.

Meteu a cabeça dentro do armário para ver melhor, virou tudo, tornou a virar. Nada! O toucinho sumira! Ora, não podia ser! Roubado? Como?... Ali não havia ladrões. Mas... Sim, quem sabe? Talvez Mata-Piolho... Sem dúvida, era muito guloso. Vivia sempre mexendo naqueles armários. Vira-o, mais de uma vez, tirar um pedaço de carne sêca e comê-lo, tal qual viera do armazém. Teria, acaso, comido o toucinho? Ninguém sabia do projeto da feijoada. Era segrêdo absoluto. Desejava fazer uma surpresa. E, agora, aquela! Pai-de-Todos coçou a cabeça, aborrecido. Custara a arranjar aquêle toucinho porque andava faltando tudo na cidade!

Fechou os armários, decidido a pôr tudo em pratos limpos. Iria acordar os irmãos e interrogá-los.

XIV

Postos da cama para fora, alarmados, porque nunca lhes acontecera aquilo, esperaram que Pai-de-Todos explicasse por que motivo os acordara.

E êle, então, falou:

— O toucinho, que estava no armário grande da despensa, sumiu. Destinava-se a uma feijoada, amanhã. Quero saber: quem foi que o tirou?

A atitude de Pai-de-Todos era severa. Certamente, estava deveras apoquentado.

Mindinho, Seu-Vizinho e Fura-Bolos, vendo-se acusados, devido ao desaparecimento inexplicável do toucinho, cuja existência só naquele momento lhes fôra revelada, olharam para Mata-Piolhos — o comilão. Êste, por sua vez, sentindo-se alvo das atenções gerais, disse:

— Não fui eu quem o tirou, juro!

Bateu no peito com a mão direita e ergueu a cabeça.

Parecia um homem inocente. Pai-de-Todos o absolveu de tôda a culpa, mas perguntou, intrigado:

— Quem foi, então? Toucinho não tem pernas nem asas!

Mindinho, Seu-Vizinho e Fura-Bolos, cada qual por sua vez, disseram: “Eu não o comi!”

Cada vez mais intrigado, Pai-de-Todos propôs:

— Investiguemos!

— Sim, — disseram os outros irmãos — investiguemos êsse estranho caso.

Uma vez isso assentado, iniciaram as investigações pela despensa, procurando indícios do ladrão do toucinho no local mais indicado.

Como nada de suspeito ali encontrassem, passaram a examinar os quartos e as salas. Viraram a casa tóda de pernas para o ar e nada encontraram que fôsse capaz de orientá-los.

— Qual! — acabaram por dizer — Gente não foi!

A essa altura, Mata-Piolhos teve uma idéia luminosa:

— Só se foi o rato! — disse.

Sim, não podia ser outra a solução do caso. Só mesmo aquêle rato, que andava pela casa com uma sem-cerimonia de pasmar, podia ser o autor do furto do toucinho.

— Então, — sentenciou Fura-Bolos — matêmo-lo!

— Sim, matêmo-lo! — concordaram os outros.

XV

Pronunciada a sentença de morte, armaram uma velha ratoeira no lugar exato por onde o ladrão teria forçosamente que passar e esperaram, mais consolados, os acontecimentos.

Não tardaria muito aquêle rato mau, que abusara da bôa fé dos cinco gêmeos e estragara o

dia de Pai-de-Todos: haveria de aparecer morto por culpa do seu feio ato.

XVI

O rato foi se chegando de manso, olhando para os lados por olhar. Não temia nenhuma cilada. Aquêle terreno já lhe era familiar. Percorrera-o inúmeras vêzes sem incidentes. Viu a ratoeira e reparou no pedacinho de miolo de pão encrustado na tábua. Sem alcançar o perigo que representava para a sua vida aquêle engenho, avançou para fisgar o miolo e... pum!

Os cinco irmãos, que vigiavam os menores movimentos do rato, escondidos num lugar donde se via perfeitamente a ratoeira, bateram palmas de satisfeitos. Morrera o inimigo número 1 da casa!

Mata Piolhos até deu uma bôa gargalhada: "Quá! Quá! Quá!"

Depois, injuriou a pequena vitima, chamando-a de tratante.

Morto o terrível roedor, pôde, então, ser comemorado o aniversário de Mindinho.

E, assim, é que, realmente, se conta a história, que o pai da criança brasileira resume quando, à borda do leito, conta os dedos do filho, dizendo: "Dedo-Mindinho, Seu-Vizinho, Pai-de-Todos, Fura-Bolos, Mata-Piolhos..."

INDICE

Págs.	
11	O SEIXO ENCANTADO
23	O CRAVO E O MALMEQUER
31	A MINHOCA E O CARANUJO
41	A TREPadeira E A ROSA
49	E O RATO COMEU !

1950
Departamento de Imprensa Nacional
Rio de Janeiro - Brasil